



Transformações sociais – Mudanças psíquicas: uma possível relação. Estudo
qualitativo sobre a condição feminina.*
Social Transformations – Psychological changes: a possible relation.
A qualitative study on the feminine condition.

Bianca S. RODRIGUES¹
Maria Emília L. SILVA²

Resumo:

Este estudo têm como objetivo analisar a relação das possíveis mudanças psíquicas na mulher, a partir das inúmeras transformações sociais ocorridas nos últimos anos na condição feminina. A pesquisa foi realizada com metodologia qualitativa. Como técnica de investigação, foi adotada a entrevista psicológica em sua forma aberta. Foram analisados três casos. A compreensão das entrevistas tem como referencial a teoria psicodinâmica. Os resultados apontam para uma mulher em construção, que busca hoje novos caminhos para adequar-se a demanda, embora ainda traga impressa a “marca” dos pais.

Palavras chaves: feminino, mulher, psicologia, mudanças psíquicas.

Abstract:

This study has as its objective the analysis of the relation of the possible psychological changes on women, from the numerous social transformations during the last years on feminine condition. The research was carried out with a qualitative methodology. As a technique of investigation it was adapted the psychological interview on its open manner. Three cases were analyzed. The comprehension of the interviews has as its reference psychodynamic theory. The results point to a woman in construction who seeks new ways to suit herself to demands, although it is still printed the mark of the parents.

Key words: feminine, woman, psychology, psychological changes.

E quando passarem a limpo,
E quando cortarem os laços,
E quando soltarem os cintos,
Façam a festa por mim!

Ivan Lins

* Este artigo foi retirado da dissertação de mestrado da primeira autora.

¹ Mestra em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas Rua dos Coqueiros 710, Atibaia, SP, 12945-650. Fone: (11)44110049. biancastella@uol.com.br

² Psicóloga e Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo Professora Titular na PUC de Campinas . Membro do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise na PUC-SP

A passagem do século XX ao XXI propicia a reflexão sobre a profunda transformação ocorrida na condição social da mulher ocidental. O mundo mudou e a mulher mudou. Quando falamos “mulher ocidental”, é porque não podemos nos esquecer que cada cultura colore de forma diferente o papel atribuído ao gênero.

Os mecanismos inconscientes de acordo com a sociologia, têm origem social, de modo que o intrapsíquico não é composto somente por uma psicologia individual, mas por regras coletivas interiorizadas (Heilborn, 2006).

A mulher chinesa, por exemplo, até o século passado tinha seus dedos dos pés quebrados, dobrados sobre a sola e enfaixados para que nunca mais se recuperassem. Sem esta exigência, dificilmente conseguiriam casamento (Chang, 1994).

Podemos citar também, a mulher muçulmana, que até nossos dias tem sua cabeça coberta por ocasião da primeira menarca, e daí por toda a vida. As que vivem sob o regime do Talibã, por exemplo, são impossibilitadas de deixar qualquer parte do corpo a vista, sob pena de castigos severos. Se pairar a suspeita de adultério, são colocadas dentro de um buraco feito no chão e apedrejadas até a morte. Misturando o passado com o presente, elas reforçam a determinação dos homens de mantê-las na ignorância e na reclusão. Suas filhas passam hoje, por quase a mesma história de suas mães (Seierstad, 2005).

Lavau (2005) traz um aspecto interessante, quando estuda mulheres muçulmanas que residem na França. Ela conclui que as mulheres que se encontram em situação de precariedade (termo usado pela autora) têm a religião como seu único quadro de referência, enquanto as outras que fizeram curso superior e ocupam postos de responsabilidade, imergem em uma outra cultura, com outros valores, passando a ter uma relação bastante distante com a religião.

Em muitos países africanos as meninas são purificadas mediante a ablação da genitália, por volta dos 5 anos de idade. Na Somália, por exemplo, todas as meninas são submetidas à clitorectomia. A mutilação dos órgãos genitais da mulher se justifica em nome do Islã. Nem todos os muçulmanos adotam essa prática, e alguns povos que a adotam não processam o islamismo. As garotas que não se submetem, estão fadadas a serem possuídas pelo diabo, a se entregar ao vício, a perdição e a prostituição (Ali, 2007).

Voltando a mulher ocidental, muitos fatores influenciaram uma mudança na sua condição. Podemos citar aqui às Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945), onde houve um não retorno dos homens aos lares. Após a Segunda Guerra, toda a estrutura familiar foi abalada e houve uma reorganização da vida social. Com a viuvez, filhos menores órfãos de pai, a mulher teve que se dirigir para o mercado de trabalho. Soma-se a isso a expansão produtiva da segunda metade do século XX, quando passaram a existir mais máquinas que homens.

No Brasil, em 1932, conquista-se o direito ao voto. Essa oficialização foi importante para que meninas e mulheres aprendessem e entendessem a importância de ter direitos políticos.

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” é uma frase que marcou época, contida no primeiro livro sobre a condição feminina, escrito em 1950 por Simone de Beauvoir. É um marco do feminismo.

Em 1960 surge a pílula anticoncepcional, que tornou a mulher livre da função imposta ao seu corpo. Permitiu separar sexualidade de reprodução, fator preponderante para a liberdade de escolha de *quando* e *quantos* filhos se deseja ter.

À partir de uma situação concreta de necessidade, estruturou-se uma nova condição feminina. Adquiriram-se direitos antes desconhecidos. O mundo conferiu à mulher outras insígnias.

A pesquisa desenvolvida por Strey & Horta (2000) que busca saber quem é colocado pela família no papel de *principal responsável*, aponta para uma transformação tanto para o construto *responsabilidade familiar* assim como para as próprias configurações vinculares. As entrevistas apontam para uma nova abordagem, a de *responsabilidade compartilhada*.

Terá ocorrido algo equivalente em sua condição emocional? Para pesquisarmos esta questão vamos repensar primeiramente, algumas proposições sobre a sexualidade trazidas por Freud, que teve na mulher um importante campo de trabalho.

Freud pressupõe que todas as neuroses se originem de conflitos sexuais, colocando assim, tanto as mulheres como os homens suscetíveis a estímulos eróticos.

Em 1905, observou que as manifestações sexuais das crianças seguem uma determinada ordem, ou seja, ocorrem em sucessão temporal. Tanto nos meninos como nas meninas operam forças libidinais, e durante algum tempo, seguem um mesmo curso (Freud, 1931).

A retirada do seio materno e a exigência da defecação introduzem a criança à vivência da perda de partes do corpo. A visão dos órgãos genitais concretiza essa possibilidade. Nos meninos conduz ao medo de castração e nas meninas à aceitação desta como um fato consumado. Diz Freud em 1924: “Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência.” (p.223).

A sexualidade segue a partir daí, um curso diferente no homem e na mulher. Em sua conferência sobre Feminilidade (1933) Freud afirma que o complexo de castração na mulher surge por haverem constatado que o órgão que tanto valorizam não pertence ao seu corpo. Sentem-se injustiçadas e isto as remete à “inveja do pênis”. Esta constatação conduz a três caminhos: um vem a ser a interrupção de toda sua vida sexual; outro, uma supervalorização da sua masculinidade e a esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião; e o terceiro caminho, os primeiros passos na direção de uma feminilidade normal final, tomando o pai como objeto, encontrando assim, a forma feminina do complexo de Édipo.

Green (1990) afirma que apesar das múltiplas culturas comportarem regras diferentes, uma é, contudo universal: a existência absoluta de uma regra, conhecida pelos psicanalistas como Édipo. “Embora a maioria dos seres humanos passe pelo Complexo de Édipo como uma experiência individual, ele constitui um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade” (Freud, 1924, p.218).

Em resumo, Freud considerava a menina uma criatura condenada a perpétuos sentimentos de inferioridade e deficiência. Parece claro que ele entende que a sexualidade feminina consiste na sexualidade masculina malograda e não no resultado de tendências primárias propriamente femininas. Tais idéias receberam enorme crítica das feministas. Entretanto Freud declarava com freqüência que ele jamais sentiu que compreendia realmente a mulher ou a psicologia da mulher.

Horney (1926) lançou a primeira discussão detalhada sugerindo que parece inverossímil pressupor que metade da raça humana estava descontente com seu sexo. A inveja do pênis, segundo ela, pode ser uma experiência natural para as mulheres, do mesmo modo que a inveja da gravidez, do parto, da maternidade e da amamentação é uma experiência natural para os homens. Mais importante ainda, a experiência da inveja, não condena a menina a inferioridade perpétua. Ao contrario este acontecimento pode lhe oferecer um conjunto complexo de sentimentos, cuja superação e domínio são centrais para seu crescimento e desenvolvimento enquanto ser humano maduro.

Dos primeiros e revolucionários descobrimentos de Freud passou-se mais de um século. Temos novas proposições onde a sexualidade não se apresenta como algo estanque. Novos tempos, novas equações. À mulher surgem outras possibilidades .

Com isso, o objetivo deste estudo é investigar se as inúmeras transformações sociais dos últimos 50 anos geraram ou foram acompanhadas por mudanças psíquicas na mulher.

Método

Para. realizar este estudo foram escolhidas mulheres comuns, isto é, não especialmente intelectualizadas ou incultas. Das oito entrevistas foram selecionadas três para um exame mais detalhado, por considerarmos que estas representavam informações mais ricas no olhar do pesquisador. As três mulheres escolhidas estavam em torno dos trinta anos, com pelo menos o segundo grau completo. Eram mães, tinham se separado após um casamento, viviam na capital do Estado de São Paulo ou cidades muito próximas, e aceitaram o convite para falar sobre a própria concepção do que é ser mulher. Para efeito desta publicação consideramos estes dados como identificando-as o suficiente para nossos objetivos, sem expô-las desnecessariamente.

O estudo se realizou dentro da metodologia qualitativa, utilizando-se da entrevista psicológica aberta de Bleger (1980) como instrumento de trabalho, da técnica da análise de conteúdo, para tratamento dos dados (Bardin, 1995) e o gravador como técnica de registro.

Ana, Bia e Carla... Três Mulheres

Qual a sua concepção sobre o que é ser mulher hoje? É essa a pergunta disparadora deste estudo.

ANA

“É difícil para mim, não é fácil ser mulher, porque a discriminação continua a mesma”... Vamos começar pela fonte de renda (...) arrumar um emprego. Meu cunhado conseguiu primeiro que eu. Ele também tem filhos... e digamos assim, a gente não é muito diferente. Só em tamanho e peso (...) mas as funções são diferentes, as funções estão trocadas. O homem tem uma função e a mulher tem outra função.”.

Ana. fala da saída da mulher para o mercado de trabalho: *“E aí? Cadê a mãe?... E a família ta indo embora, porque não ta tendo mais mulher, eu acho. E acho que a família é a mulher”.*

Ana compete com o sexo oposto pelo mercado de trabalho, embora argumente que a função do homem e da mulher são diferentes. Estamos diante de uma dicotomia: “mãe versus trabalhadora”. Se por um lado a mulher sai para o mercado de trabalho, por outro deixa de existir a mãe e conseqüentemente a família. As funções são excludentes.

CARLA

“A mulher não pode nada, segundo a sociedade, não. O homem pode tudo. O homem pode trair, o homem pode ter duas mulheres. O homem pode isso, pode aquilo.”

Carla sente a mulher como alguém discriminada, sem direitos.

BIA

“Sei lá, quando você falou o que é ser mulher, primeiro eu acho que a gente tinha que saber o que é ser humano. O que é ser gente. O que eu sou. Às vezes eu não tenho esse referencial... Não sou realizada sendo profissional... não sou realizada sendo mulher”.

B. sente-se como alguém irrealizada e a partir disso diz não reconhecer-se. Por ainda não saber quem é não sabe o que é ser mulher.

A FILHA... A MENINA... A MULHER

BIA

“E eu, ao invés de me rebelar contra tudo isso, me calei (...). Eu aceitei também, você entendeu...”
“Então minha avó foi o homem da casa e minha mãe conseqüentemente, também foi o homem da casa (...). Que to vendo ta passando de mãe pra filha. De filho pra filho, sabe?”.

”Eu acho que eu já me via no futuro muito parecida com a minha mãe”.

Para Bia sua avó foi assim, sua mãe foi assim e conseqüentemente ela vai ser igual. Carrega consigo a herança da mãe. É somente o elo de uma cadeia.

“... meu pai acabou assumindo a postura de uma mãezona. De ta mais pra dar colo, pra passar a mão na cabeça, pra apoiar, e a minha mãe era aquela que castrava mesmo, né?”

Existe uma inversão de papéis na figura dos pais.

“Sabe, aquela coisa, assim, tem um baú dentro de mim. Ta fechado com uma chave, eu to com a chave, mas eu não abro (...) sonhos, desejos. Sabe, o mundo colorido ta lá dentro (chora) e eu to aqui lutando pra mostrar que a vida é dura mesmo...” “Quer dizer, existia uma rebeldia interna, mas que nunca saía. Nunca era colocada pra fora. Então foi muita coisa que foi sufocando, sufocando, entendeu?”

... E eu ao invés de me rebelar contra tudo isso, me calei (...) Eu aceitei também, você entendeu...”

Embora considere o determinismo filogenético como determinante, Bia parece estar muito mais identificada com a figura do pai na constante submissão.

ANA

“Minha mãe teve uma educação totalmente diferente da minha. Minha mãe foi educada para ser mãe, ser esposa, e só”.

Esse “e só” traduz a figura da mãe como alguém limitado

“ Eu já não. Eu já fui educada mais pelo meu pai que pela minha mãe. E meu pai já me educou como se eu fosse um menino.”

A figura masculina aparece em contraposição a figura feminina. Assim para se ver livre da limitação, do impedimento, inerente a figura materna, Ana diz ter sido criada como um menino.

“Depois que eu me casei, a coisa mudou. Aí meu marido queria que eu fosse do lar”.

“Eu deixei minha faculdade e deixei tudo com que eu tava fazendo para casar, porque ele me colocou essa condição”.

Quanto mais Ana pensou se distanciar, mais próxima ficou da figura materna.

CARLA

“Foi horroroso... o que eu me lembro... minha mãe chorando, indo embora, pegando eu e minha irmãzinha pela mão”... “Eu não me lembro de nada da minha infância só de brigas e brigas entre meu pai e a minha mãe.”

Fala da sua relação com seu ex-marido:

“Aí brigávamos muito, com ciúmes um do outro. Muita briga, muito xingo. Até o dia que eu descobri que ele tinha outra mulher, eu separei. Mandeí ele embora.”

“O ex-marido ta sempre ali constante (...). Ele chega, senta que nem um paxá, e fica lá.

Carla parece repetir a história dos seus pais.

“Eu separei em março de 91. Aí passou 91 inteirinho. Em 92, em meados de maio, comecei a sentir dores fortes no corpo. Muitas dores, muitas dores. Aí acabei me internando e descobri que era Lupus.”

“A doença que eu tenho é emocional. Se alguma coisa mexer com a emoção, ela ativa, entendeu? Depende muito do que eu deixar acontecer, entendeu?”

Assim como com a entrevistadora, sua doença serve para incriminar o Outro.

SEXUALIDADE

ANA

“A minha sexualidade? É difícil falar. “Entre todas as minhas amigas, minhas irmãs, eu me considero uma das mais felizes sexualmente. Esse foi um dos pontos fortes do meu casamento. O que segurou muito o meu casamento”.

“A gente se dava bem na cama. Talvez hoje eu não sei como é que seria meu relacionamento com meu ex-marido na cama. Talvez hoje não seria suficiente... Meu ex-marido era pouco carinhoso comigo.”

Sua vida sexual que em algum momento foi considerada satisfatória, hoje é contestada.

“Até eu fui ter meu primeiro relacionamento sexual com 18 anos. As minhas amigas na época já tinham tido relacionamento, eu sempre colocava barreiras. Acho que minha mãe pesou um pouco nisso”.

“Eu não tenho tido muito tempo para isso... (...) Eu quero ver se eu arrumo um namorado. E vai ser difícil eu arrumar um namorado porque eu não tenho tempo.” “Pode até ser, Bianca, que eu também, que eu to te colocando o tempo como um escudo. A gente joga tudo na falta de tempo.”

Tanto na adolescência, como hoje, o exercício da sexualidade fica obstaculizado por barreiras, desculpas, como a falta de tempo. Parece que o que está por trás de todos estes impedimentos é a fala internalizada da mãe.

“Eu me masturbo, às vezes... e eu achava que tava fazendo uma coisa errada... Hoje eu vejo as coisas de uma outra forma...” “Antes eu não sentia falta, porque eu não conhecia o sexo. A partir do momento em que eu comecei a me conhecer, comecei realmente a me sentir.”

“Durante 4 anos eu não fui uma mulher. Eu não me sentia mulher... Eu era somente mãe e trabalhadora.”

Ana diz ter hoje um maior conhecimento do seu corpo e do sexo, talvez por isso questione sua idéia anterior de satisfação sexual relativa ao primeiro relacionamento. Por outro lado, a partir de todos os impedimentos sexuais apresentados anteriormente, esta fala parece estar muito mais ligada a ideologia do que é ser uma “mulher moderna”.

BIA

“Eu tenho muitos sonhos eróticos, sabe, que eu to transando no meio da rua, com um monte de gente olhando, no meio de uma boate, é. Eu me excito com o formato de estar sendo vista...” “E eu quero ser procurada, mas, às vezes, quando eu to sendo procurada, eu não quero mais”.

“ Não tem nada mais picante... Não é assim aquela coisa tipo quebrar um copo, sabe, de subir em cima da mesa(...). Enfim, eu tenho dores na relação sexual.”

“... não ta tendo muito tempo pra ter relação sexual. Então, e eu também tenho problema ginecológico... Talvez seja assim, a minha própria natureza que arruma uma desculpa, uma fuga.”

Bia mostra insatisfação em relação à atividade sexual, “não tem nada mais picante”. Problemas ginecológicos e a falta de tempo servem em um primeiro momento para justificar a ausência de relações. Logo em seguida admite que estas justificativas servem como uma “desculpa”, são uma “fuga”. A satisfação sexual de Bia parece estar nos sonhos de conteúdo aparentemente exibicionista.

CARLA

‘ Não fui de namorar muito, não.’

“ Aí foi o perigo (ri)... Aí a gente resolveu ficar um pouco longe.”

“ que as vezes eu vejo mulheres na rua, eu sinto vergonha (...). Depende do tipo de roupa que ta.”

Carla tem dificuldade em falar da sua sexualidade. Da mesma forma, na vida, parece existir o mesmo impedimento, permeado por preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pensar o binômio: transformações sociais – mudanças psíquicas?

Caminhamos muito, mas aonde chegamos?

A mulher mudou. Ela tem hoje exigências, que há alguns anos seriam impensáveis. Até a década de 30, por exemplo, a mulher não podia sair à rua, se não estivesse acompanhada por uma criada, uma pessoa mais velha, ou até mesmo o marido.

Nossas entrevistadas mesmo sentindo-se discriminadas, e no caso de Bia irrealizada, estão no mercado de trabalho galgando objetivos e metas.

Devemos considerar também, que a família psíquica é muito extensa, tendo uma forte influência na formação do sujeito.

Isto parece visível no caso destas mulheres, que de alguma forma repetem a história dos pais. Os valores que os mais velhos cultivaram e tentaram passar para os filhos e netos, ainda estão presentes hoje, mesmo que sob outras “roupagens” (Alves, 2000).

Mesmo no que diz respeito à sexualidade, as entrevistadas parecem atreladas a algo que impede o livre fluxo desta. Carla que fala muito durante toda a entrevista, limita sua fala quando é perguntada acerca da sexualidade. Bia realiza-se sexualmente através dos sonhos. Ana tenta expor a ideologia da mulher moderna, mas mostra inúmeros obstáculos impostos a sexualidade.

No Brasil ainda existem diferenças profundas nas práticas sociais do homem e da mulher, o que atesta um código de gênero que estabelece fronteiras demarcadas para uma conduta aceitável para cada categoria de sujeitos (Heilborn, 2006).

As entrevistadas encaram de forma diferente o papel do homem e da mulher.

Um conflito básico permeia o relacionamento de homens e mulheres: “querem viver uma relação de igualdade e liberdade, mas ainda estão presos ao passado, incorporado na figura e no modelo de seus pais” (Souza, 2007).

O que podemos dizer então?

Vivemos um período de transição e conseqüentemente de “turbulência” em que alterações bruscas estão presentes, caracterizando quase um rompimento com o certo e o errado vigentes. Estas transformações são acompanhadas de um outro tempo, onde se busca um maior equilíbrio.

A grande conquista talvez seja esta: apesar de “ainda viverem como nossos pais”, introduzem um sonho, uma meta, uma imagem de mulher antes inconcebível. O que não é pouco, e já permite muitas situações

concretas antes inexistentes, irrealizáveis. E, no entanto, nos reflexos das trincas do espelho, podemos ainda reconhecer a imagem ancestral. A coordenação de ambas as imagens em uma nova figura interna projeta-se assim para o futuro, deixa-se como herança de trabalho para as novas gerações.

REFERENCIAS

ALI, A. H. 2007. Infiel. São Paulo: Companhia das Letras.

ALVES, Z.M.M.B. 2000. Continuidades e rupturas no papel da Mulher Brasileira no século XX. *Psicologia Teoria e Pesquisa* 16 (2):125-133.

BARDIN, M. 1995. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BLEGER, J. 1980. *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.

CHANG, J. 1994. *Cisnes selvagens – três filhas da China*. São Paulo: Companhia das letras.

FREUD, S. 1905. Três ensaios sobre a sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira (v.VII)*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. 1924. A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira (v. XIX)*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. 1931. Sexualidade Feminina. In: *Edição Standard Brasileira (v. XXI)*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. 1933. A dissecação da personalidade.- *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. In: *edição Standard Brasileira (conferência XXI)*. Rio de Janeiro: Imago.

GREEN, A. 1990. *Conferencias Brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.

HEILBORN, L. H. 2006. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista Estudos Feministas* 14(1): 43-59.

HORNEY, K. 1926. *Feminine Psychology*. New York: Norton.

LAVAU, M. J. 2005. Sexualidade e religião: o caso das mulheres muçulmanas na França. Revista Estudos Feministas 13: 377-386.

SEIERSTAD, A. 2005. O livreiro de Cabul. São Paulo: Record.

SOUZA, D. H. 2007. Amor solitário: uma análise dentro da perspectiva do gênero. Revista Ártemis 7: 23-25.

STREY, M.,N. & Horta, R. L. 2006. Principal responsável no Censo Brasileiro, uma questão de Família e de Gênero. Revista Ártemis 5.

Agradecimentos

A primeira autora agradece aos membros do LPCQ - Laboratório de Pesquisa Clínico-Qualitativa da Unicamp e, particularmente, ao Dr. Egberto R. Turato por todo o aprendizado e incentivo; a amigas e colaboradoras Moema Sanchez e Patrícia Patara.

Artigo recebido: 11/02/2008

Aprovado: 15/05/2008